
A LOUCURA PRESENTE NOS CONTOS O ALIENISTA DE MACHADO DE ASSIS E NO DIÁRIO DE UM LOUCO DE NICOLAI GOGOL: ESBOÇOS DE UMA ANÁLISE PSICOLITERÁRIA

Rafael Teixeira de SOUZA ¹, Mariângela Alves GALINDO ², Carlos Alberto de Assis CAVALCANTI³

¹ Graduado em Letras do CESA. E-mail: rafaeltdesouza@hotmail.com.

² Graduada em Letras do CESA. E-mail: mariangelalves@hotmail.com.

³ Mestre em Teoria Literária pela UFPE e professor de Letras do CESA. E-mail: cajaprof@hotmail.com.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo traçar paralelos entre os contos O Alienista, de Machado de Assis, e Diário de um Louco, de Nicolai Gogol, limitando-se, no entanto, a abordagens voltadas para um único aspecto narrativo: a loucura. Uma vez que este seja o tema central de ambas as narrativas e elas, casualmente, pertençam a épocas não muito distantes uma da outra (O Alienista é de 1882 e Diário de um Louco é de 1836), é no mínimo conveniente que entre elas se possam assinalar semelhanças. E, diante disso, será seguida a seguinte sequência de abordagem: 1) Como se dá o processo de enlouquecimento das personagens principais 2) Como este processo chega ao ápice 3) Como o processo chega ao fim. Serão empregadas, para melhor esclarecimento das ideias, teorias desenvolvidas por especialistas da psicanálise e da psiquiatria em geral, tais como Freud (2006), Jung (2000) e Lacan (2008). Ademais, para conclusão dos argumentos, serão expostas as devidas conclusões com respeito à psique de cada personagem, sem procurarmos nos deter com mais exemplos de autores e/ou textos, uma vez que os limites do trabalho acadêmico impossibilitam uma abordagem mais aprofundada sobre o assunto.

Palavras chave: Loucura; Psicanálise; Conto; Literatura.

Abstract

This article aims to draw parallels between the stories The Alienist, Machado de Assis, and Diary of a Madman, Nicolai Gogol, limited, however, the approaches focused on a single narrative aspect: madness. Since this is the central theme of both narratives and they, incidentally, belong to not very distant times from each other (The Psychiatrist is de 1882 and Diary of a Madman is 1836), is the least convenient that between them they may noted similarities. And before that, it will then approach the following sequence: 1) How is the maddening process of the main characters 2) As this process reaches its climax 3) As the process comes to an end. Will be employed to better clearance of ideas, theories developed by experts of psychoanalysis and psychiatry in general, such as Freud (2006), Jung (2000) and Lacan (2008). In addition to completion of arguments, conclusions will be exposed due with respect to the psyche of each character without seek to stop us with more examples of authors and / or texts, since the limits of academic work preclude further discussion of this.

Keywords: Madness; Psychoanalysis; Tale; Literature,

INTRODUÇÃO

A loucura, como discorrem inúmeros estudiosos e autores ao longo dos séculos (Erasmus de Roterdã, Cervantes, Foucault etc.), é um dito *distúrbio mental* muito presente desde os primórdios da humanidade. O que não é diferente na literatura, haja vista que esta seja uma manifestação artística a qual, semelhantemente às demais artes, em determinado período de tempo procurou descrever o homem e sua sociedade da forma mais denunciatória e real possível. Este período, pois, chamou-se realismo-naturalismo. A dualidade de termos atribui(u)-se ao fato de o primeiro tratar do homem em termos biológicos, e o segundo em termos patológicos, como afirma Lisboa (*apud* FILHO, 2001).

Existem diversas definições sobre o vocábulo *loucura*, sendo que não há até então certeza quanto à sua origem etimológica. Porém a palavra possui sinônimos que servem para expandir o seu significado. De acordo com Ferreira (1999), a loucura pode ser definida como circunstância ou posição de alienado; ação corrente de alienado; ausência de bom senso; precipitação; contradição; desvario; alheamento; basbaquice; covardia; tudo que escapa ao normal, que é incomum; indivíduo, animal irracional ou objeto a que se devota grande apego ou admiração.

Voltaire (*apud* FOULCALT, 2013, p. 209), por sua vez, descreve a loucura como “uma doença dos órgãos que impede o homem de pensar e agir como outros”. Já Lacan (1985) descreve-a deste modo:

Longe de ser a falha contingente das fragilidades do organismo, a loucura é a virtualidade permanente de uma falha aberta em

sua essência. Longe de ser um insulto para a liberdade (como enuncia Ey), ela é sua mais fiel companheira, segue-lhe o envolvimento como uma sombra. E o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem se não carregasse em si a loucura como limite de sua liberdade (LACAN, 1985, p. 359).

Portanto, a partir dessas definições científicas e etimológicas, podemos concluir que os conceitos de loucura vieram a aperfeiçoar-se com o passar do tempo, bem como ocorre com a maioria das ciências. Porém, o tema só assumiu maior unidade na transição do século XVIII para o século XIX, quando Philippe Pinel (1745-1826) introduziu suas primeiras teorias sobre as neuroses mentais. Desde então, outros grandes nomes como Sigmund Freud (1856-1939), Carl Jung (1875-1961) e Jacques Lacan (1901-1981) surgiram, o que acarretou um progresso significativo – mais especificamente nos últimos dois séculos – no que diz respeito às patologias da mente (inclusive foi deste primeiro nome do trio que surgiu o termo *psicanálise*, por volta do final do século XIX).

Com efeito, foi através de alguns conceitos-chave dos autores citados que procuramos definir o perfil psicológico das personagens principais dos contos *O Alienista*, de Machado de Assis, e *Diário de um Louco*, de Nicolai Gogol – dois dos maiores prosadores de suas línguas. Tal análise, todavia, teve três objetivos: descrever como decorre o processo de loucura em ambas as narrativas, compará-las e, ao mesmo tempo, constatar como teorias relacionadas à psicanálise podem ser aplicadas, também, em personagens fictícios. A escolha do tema deveu-se à sua pouca exploração em todos os âmbitos, fato constatado por nós no curso do colhimento das informações e na produção escrita.

A maioria dos trabalhos acadêmicos deste porte e gênero – propriamente pela questão da extensão curta – se ocupa em abordar uma única personagem por vez em cada obra, mesmo assim de forma um tanto superficial, sem relacioná-las em trabalhos que certamente seriam muito mais produtivos na obtenção de descobertas e no apontamento de analogias. Já o paralelo aqui registrado, obviamente dentro dos seus limites, promove uma conexão entre a ciência psíquica e a arte narrativa, comprometendo-se com a clarividência dos fatos, a interligação entre os mesmos e as alusões daqueles que promoveram as especulações psicanalíticas.

1. DO QUE TRATA A OBRA "O ALIENISTA"?

O Alienista, trazido à luz por Machado de Assis em 1882 numa coletânea de contos de nome *Papéis Avulsos*, é sem dúvida um dos mais brilhantes contos cuja autoria se deve a um brasileiro. Nele, Machado narra a história de Simão Bacamarte, médico distinto e célebre, que estudara na Europa e de lá extraíra seus principais conhecimentos medicinais. De volta ao Brasil e casado, é tomado por uma súbita ideia de estudar os males da mente.

Logo no princípio, Bacamarte trancafia na Casa Verde apenas alguns sujeitos, a fim de estudá-los mais de perto. Diagnostica lhes a loucura por razões óbvias – na maioria das vezes por apresentarem condutas não relativas ao modo de agir dos hígidos. Mas, à medida que o tempo passa, ele vai trancafiando mais loucos, de modo que Itaguaí vai perdendo, aos olhos do médico, quase toda a sua população para o *mal do juízo*. No entanto, aos olhos do restante dos cidadãos da cidade, a

atitude do médico não é benquista. Sobretudo quando, no capítulo cinco, ele manda encarcerar “um certo Costa”, homem conhecido pelo caráter probo e atitudes benfazejas.

Imagina-se a consternação de Itaguaí, quando soube do caso. Não se falou em outra coisa, dizia-se que o Costa ensandecera, ao almoço, outros que de madrugada; e contavam-se os acessos, que eram furiosos, sombrios, terríveis, – ou mansos, e até engraçados, conforme as versões. Muita gente correu à Casa Verde, e achou o pobre Costa, tranqüilo, um pouco espantado, falando com muita clareza, e perguntando por que motivo o tinham levado para ali. Alguns foram ter com o alienista. Bacamarte aprovava esses sentimentos de estima e compaixão, mas acrescentava que a ciência era a ciência, e que ele não podia deixar na rua um mentecapto (ASSIS, 2000, p. 20).

Nesse entretempo D. Evarista, a esposa de Bacamarte, viaja para o Rio de Janeiro a consenso do marido. A população da cidade quer-lhe de volta, o mais depressa possível, pois conservam nela a esperança de fazer o esposo mudar de opinião sobre a clausura dos loucos – o que mesmo com seu regresso não vem a acontecer. Bacamarte continua a agregar os supostos loucos na Casa Verde e a estudar-lhes a mente com excesso de amadorismo.

Acontece, então, o primeiro protesto dos cidadãos de Itaguaí contra o médico, encabeçado pelo barbeiro Porfírio. Porém, tudo vem a malograr por uma justa causa: a população descobre que, por vontade própria, Bacamarte não recebe mais ordenado para tratar dos insanos. “Há cerca de duas semanas recebemos um ofício do ilustre médico, em que nos declara que, tratando de fazer experiências de alto valor psicológico, desiste do estipêndio votado pela câmara, bem como nada receberá das famílias dos enfermos” (ASSIS, 2000, p. 28).

Não obstante, pouco tempo depois ocorre outro protesto – a chamada *Revolta da Canjica* –, liderado novamente pelo Barbeiro Porfírio, cujo legítimo interesse é tomar para si todo poder e pompa que o alienista lograra. Mas, como das outras vezes, tudo é em vão. No entanto, ao término de mais um protesto – desta vez o último – Porfírio acaba unindo-se a Bacamarte e divide com este a posse da Casa Verde. Enfim, em meio a tantas idas e vindas, Bacamarte torna a governar sozinho o seu hospício.

A esta altura de tal modo torna-se exagerada a sua autoridade que, por sua esposa não saber com que roupa ir numa festa, ele manda trancafiá-la junto aos demais loucos. Mas, de uma hora para outra, o alienista manda soltar todos os encerrados da Casa Verde. Oferece como justificativa disso sua nova dedução: de que sua teoria inicial não estava correta, e que precisava ser revista desde o início. Em pouco tempo, torna a aprisionar outros indivíduos sob pretexto de que nenhum deles continha qualquer desvio mental ou de conduta – este era o seu novo critério para o ajuntamento dos loucos.

Contudo, tão logo põe em prática sua teoria, modifica-a de novo; afinal de contas, conclui que o único indivíduo íntegro, tanto em espírito como em caráter, não poderia ser outro senão ele próprio. Manda então soltar todos os trancafiados, sem exceção, e resolve tornar-se o único cativo da Casa Verde. Eis o que o próprio diz à sua esposa, sobre si mesmo, já próximo ao final da vida: “A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática” (ASSIS, 2000, p. 48). Dias depois, despede-se em definiti-

vo, de sua esposa e do mundo.

1.2. Análise psíquica do personagem principal

Em meio a tantos circunlóquios do alienista, a conclusão a que chegamos sobre ele resume-se a uma mente confusa e monótona por causa do excesso de estudos. A loucura a tal ponto o fascinou que ele, sem querer, acabou contraindo-a. Sua ambição em estudar as particularidades da imaginação o impactou de tal sorte que o próprio, como vimos, acabou se *autodiagnosticando* louco.

Não há nenhuma obra dos autores aqui estudados – pelo menos que nos conviesse encontrar – que relacione especificamente questões de loucura com o excesso de estudos. Porém, no caso do Alienista, podemos afirmar que o afastamento do convívio social despertou nele uma espécie de *necessidade exagerada* em compreender as minúcias da mentalidade humana sob efeito de moléstias. Sua esposa, que o enfastia por não dar-lhe filhos, também reflete significativamente em suas decisões.

A esse respeito, Martinez (2006) alega que o mau reflexo no convívio social ou matrimonial e a insistência nos vícios de ordem ética induzem ao alheamento tanto os tipos laboriosos quanto os ociosos. Já sobre a questão das seguidas mudanças de opinião do alienista, que encontramos em maior número nos capítulos finais do texto, estas estão relacionadas a uma patologia do inconsciente. Com relação aos possuidores de semelhante doença, Freud (1995) descreve que seus atos podem ser comportamentos aparentemente comuns, como, por exemplo, as ações errôneas, as amnésias, os devaneios, ou mesmo o surgimento im-

previsto desta ou daquela impressão, ou a produção impensada de um poema ou de um julgamento introspectivo, ou ainda certas ocorrências de ordem patológica que levam ao sofrimento, com sintomas neuróticos ou psicóticos.

É no contexto dos sintomas inventariados acima que o alienista direciona-se à consumação da sua neurose – ou, quem sabe, ao apogeu dela. Após tantas incertezas, como que um sentimento de remorso recai sobre si, ao deduzir que a loucura encontrava-se, na verdade, em si e não nos outros.

Mais uma vez Freud nos oferece uma explicação muito clara do que se trata este processo, chamando-o, à base de constatações anteriores, de *estágio de retorno do recalçado* e nos esclarece, numa descrição do que chama de *Neurose Obsessiva*, que no estágio do retorno do recalçado ocorre que a autocensura retorna sem modificação, mas raramente de modo a atrair a atenção para si; durante certo tempo, portanto, emerge simplesmente como um sentimento de culpa sem qualquer conteúdo.

Em geral, vem a se ligar a um conteúdo que é distorcido de duas maneiras – no tempo e no conteúdo: distorcido quanto ao tempo na medida em que se refere a uma ação contemporânea ou futura, e distorcido quanto ao conteúdo na medida em que significa não o evento real, mas um sucedâneo escolhido a partir da categoria daquilo que é análogo – uma substituição. Por conseguinte, uma idéia obsessiva é produto de um compromisso, correto quanto ao afeto e à categoria, mas falso devido ao deslocamento cronológico e à substituição por analogia (FREUD, 2006).

Freud (2006) ainda nos explica que o ego consciencioso analisa a obsessão como algo que lhe é curioso. Não se fia nela, ao que se assemelha ser, amparando-se no juízo antitético da meticulosidade engendrada há muito tempo. Mas, nesta fase, muitas vezes pode suceder um domínio do ego pela obsessão – por exemplo, quando o ego é envolvido por um desânimo efêmero. Exceto isso, a fase da moléstia é delimitada pelo embate protetor do ego contra a obsessão; e isso, por si só, pode fazer surgir sintomas novos – os da defesa posterior.

Depois do conflito assíduo de ideias, sucede a decadência do alienista, até o advento paulatino de sua morte. Notamos, pois, em suas últimas falas, que tudo sucedeu em prol do bem da população de Itaguaí e, mormente, do progresso da Ciência. Embora não o admita, também incluímos o mundo todo como um dos beneficiados pelo seu suposto “sacrifício da nova doutrina”. Porque talvez jamais voltemos a ver outro exemplo, na literatura, de um homem que comete semelhante heroísmo em nome de todos os sãos e alienados.

2. Do que trata a obra "Diário de um Louco"?

Sob o ponto de vista do *Diário de um Louco*, a loucura se dá, bem como em *O Alienista*, em decorrência de influências tanto internas quanto do próprio meio. É interpretada de forma demasiado mordaz e irônica, com frequentes intercessões do pensamento do personagem principal, que, aliás, também é o narrador. O excesso de interrogações e exclamações reitera o alheamento do mesmo ao longo de toda a narrativa.

A obra trata de um homem cujo nome não é revelado, mas que em princípio se identifica como

funcionário de uma repartição⁴. O processo de enlouquecimento do mesmo se infunde, dentre outras causas, em virtude de um desencadeamento de acontecimentos insignificantes, que aos olhos do personagem ganham dimensão e gravidade anormais. Logo nos primeiros parágrafos da narrativa, o personagem demonstra um tipo de revolta pelos que se encontram à sua volta, além de repetitivas contradições consigo próprio e com os outros. Em determinado trecho do conto – aliás, logo no primeiro capítulo –, a tal ponto ele se encontra atabalhado que alega ter testemunhado uma cadela a falar. “Não, Fiel, estás enganado (vi com meus próprios olhos Medji pronunciar estas palavras), eu estava, au! Au! Eu estava, au! Au! Au! Muito doente. Vejam só este cachorro! Confesso que fiquei estupefato ao ouvi-o falar como um ser humano” (GOGOL, 2010, p. 60).

Desse fragmento adiante, outros episódios de feição incomum passam a atormentar a vida do personagem. Ocorrem outras passagens com cães, nas quais ele alega tê-los assistido conversar novamente, e mesmo ter lido cartas escritas por eles. Um dos fragmentos das supostas cartas (escrita por Medji, a cadela de Sofia, e destinada a outro cão com nome de Fiel) diz o seguinte:

Minha querida Fiel, [...] Tu me perdoarás pelo fato de ter ficado tanto tempo sem escrever. Vivi dias da mais perfeita embriaguez. Tinha razão o escritor que disse que o amor era um a segunda vida. Ademais, há no momento grandes mudanças em nossa casa. O cadete vem nos ver todos os dias. Sofia o ama até a loucura. Para estar muito alegre. Cheguei mesmo a escutar nossa Gregória, que fala sozinha quando está varrendo o chão, que o casamento seria a seguir, pois Papa quer ver sem falta Sofia casada seja com um general, seja com um cadete, seja com um coronel [...]

(GOGOL, 2010, p. 80-81).

Há, além deste gênero de esquisitice por parte do personagem principal, episódios de inconformidade quanto ao seu amor não correspondido. Conforme o agravamento da sua insanidade, as datas dos seus escritos passam a confundir-se de tal maneira que ele chega a projetar-se no ano 2000 (a data é 43 de abril), ano em que se declara rei da Espanha. Espalha este desatino aos sete ventos; conclui, por conseguinte, que a Espanha e a China são um único país. Numa passagem posterior, ele cria um mês de nome *martubro* – união de março com outubro; e, mais adiante, declara que houve um dia sem data, seguido de outro...

Deste íterim para o fim são poucas etapas. Ele definitiva e irrevogavelmente declara-se rei da Espanha, e relata sua chegada deste modo:

Pronto, estou na Espanha. Isso se deu tão bruscamente que mal tive tempo de tomar conhecimento de onde me encontrava. Esta manhã, os deputados espanhóis apresentaram-se em minha casa e me conduziram com eles num carro. Esta extraordinária precipitação me pareceu estranha. Andamos numa tal velocidade que atingimos a fronteira da Espanha uma meia hora antes da tarde. Ademais, é verdade que agora existem as ferrovias por toda Europa e que os barcos a vapor andam muito rápido (GOGOL, 2010, p. 90-91).

E no parágrafo seguinte, pormenoriza o lugar:

Curioso país a Espanha. Quando entramos na primeira peça, vi uma multidão de homens com a cabeça raspada. Mas pressenti que deveriam ser gente importante ou soldados, pois ambos raspam a cabeça. O que me pareceu bastante bizarro foi a conduta do chanceler do Império: ele me tomou pelo braço, me empurrou para dentro de um quartinho e me disse: “Fique aqui! E se disseres que és o rei

⁴ Uma vez que o personagem estudado não tenha nome, para evitar equívocos optamos por tratá-lo, em todas as circunstâncias, de *o personagem em questão* ou apenas *o personagem*.

da Espanha, farei com que te passe esta vontade” (GOGOL, 2010, p. 91). (Aspas do autor).

Fica evidente, no fragmento acima, que em vez de chegar à Espanha o personagem chega, *ipso facto*, a um manicômio. Nos derradeiros relatos, confunde seus tratamentos incivis do hospício com procedências dignas da realeza à qual pertence. E eis que sua loucura chega ao auge, e, ato contínuo, ao fim, sem haver, contudo, uma solução para sua miserável condição de demente trancafiado.

2.1. Análise psíquica do personagem principal

Como verificamos, a personagem principal do *Diário de um Louco* desenvolve sua psicose por meio de uma série de causas. Sendo que um dos sintomas iniciais são alucinações de caráter esdrúxulo, como a visão de uma conversa entre cães, em que o próprio personagem reconhece, na ocasião, sua incompreensão frente ao fato.

De acordo com Lacan (2008), em alguns casos, sob efeito da ação alucinatória, “o sujeito admite, com todos os rodeios explicativos verbalmente desenvolvidos que estão ao seu alcance, que esses fenômenos são de uma outra ordem que o real, ele sabe bem que a realidade deles não está assegurada, admite mesmo até um certo ponto a sua irrealidade. Mas, contrariamente ao sujeito normal para quem a realidade lhe chega de bandeja, ele tem uma certeza, que é a de que aquilo de que se trata – da alucinação a interpretação – lhe concerne” (LACAN, 2008, p. 91).

Outro mal que o afeta, causando, em consequência, o agravamento do quadro de demência, é o seu fracasso amoroso com relação à filha de seu patrão. Ou seja, em outras palavras, ele sofreu

uma *desilusão amorosa*, a qual por certo piorou seu estado psíquico anômalo. Além disso, a frustração culminou numa *distorção* da sua personalidade pelo seu propósito não alcançado.

Em muitos de seus escritos os psicanalistas aqui estudados tratam dessa disfunção como um sintoma complementar – e às vezes precursor – de outros delírios maiores. Jung (2000) nos ilustra que a diferença entre os sãos e os doentes provocada pela loucura está no fato de que os primeiros são indivíduos donos de características únicas e providas de sentido, ao passo que os últimos nada mais constituem senão um grupo de míseros fragmentos com alguns *vestígios de sentido*, verdadeiros frutos da dispersão, só que uns e outros têm a capacidade, a propósito em alto grau, de açodar, tomar posse e mesmo dominar a presença do eu, a tal nível de gravidade que ocorre uma mutação provisória ou demorada do comportamento.

Repara-se logo na obviedade: o que está retratado na descrição anterior é praticamente o mesmo que acontece com o nosso personagem. Não só a inquietude o subleva, como ao mesmo tempo subjuga-o física e mentalmente, tornando-o cada vez mais vulnerável e incapaz de restabelecer-se de sua loucura. Sua imaginação ganha asas, e ele passa a sofrer alucinações mais assíduas e inteligíveis aos olhos de indivíduos sãos. No ponto mais alto de seu delírio – como descrevemos no tópico anterior –, sem intenção ele se confunde sobre sua própria identidade. Deixa de reconhecer-se mero funcionário de repartição pública para adotar um título no mínimo insonhável: rei da Espanha.

Numa comparação entre uma pessoa de mentalidade sã e outra mentalmente enferma, von Franz

(*apud* JESUINO, 2009) diz que este último gênero faz do indivíduo um tipo de representação grupal, uma individualidade muito improdutiva e pouco individualizada. Neste caso, o sujeito abdica de sua distinção ao distinguir, sem o tumulto moral imperativo, as miragens da alucinação, tornando-se ele próprio a alegoria. A assimilação enseja presunção e insulamento prejudiciais que ameaçam rescindir os alicerces do modo de agir genuíno de cada ser. O ser ensoberbecido se assinala, em diversas ocasiões, como sábio insondável ou como cristo, esperado pela prática de alguma grande façanha por energias ignoradas ao “epíteto”. Por seu costume grupal, essa acomodação, não raro, reflete na agremiação, e daí vêm ao mundo líderes como Adolf Hitler e Charles Manson.

Eis todo o processo de loucura do personagem. Como ocorre, por meio de causas insignificantes que vão insuflando, até o momento em que o motim interno se declara dominador, reprime seu possuidor e o torna seu possuído. Entretanto, neste caso em particular não vislumbramos o término de todo o processo de loucura; o autor o omite, limitando-se a exibir um apelo da personagem. Dentro das possibilidades, sob a interferência do ponto final (que, por sinal, é uma interrogação), diversos outros desfechos poderiam ter acontecido, desde a morte do personagem a inclusive, um novo acesso de loucura.

3. Conclusão: Quem fica e quem sai do “hospício”?

Em ambas as narrativas os personagens seguem caminhos parecidos rumo ao declínio absoluto, mas partem de *trilhas* opostas. Um pela obsessão de “tornar-se grande”, outro pela ambição insaciável de adquirir conhecimento, os dois à vista

disso se tornam sujeitos cada vez mais frágeis e vulneráveis no decurso dos textos. Os fins amorosos não alcançados (no caso do Alienista por sua esposa não conceber-lhe filhos e, no caso do Diário de um Louco, devido a não reciprocidade de seus sentimentos por uma mulher comprometida) também são fatores preponderantes para suas respectivas loucuras.

No entanto, quanto a dessemelhanças, temos a de que um já é consagrado pelo seu histórico, enquanto que o outro vive naufragado em idílios, em busca de uma ascensão inalcançável. Neste primeiro, ocorre a degeneração após o alcance do ápice, ao passo que o outro, em compensação, expia em circunstâncias deploráveis, realizado apenas em sua fantasia. No final, um deles tenta encontrar sua glória e a cura de seus males no isolamento social, ao passo que o outro degenera sem dar conta disso, posto que já se encontra sobrepujado pelas alucinações.

Embora Freud, em boa parte de seus escritos sobre o tema senão em todos, faça uma ligação direta entre casos de psicopatologias a traumas de ordem sexual ocorridos durante a infância (o popular *Complexo de Édipo*), não podemos descartar tal hipótese, uma vez que em nenhuma das narrativas discutidas o narrador faz menção da infância das personagens – ou, quando o faz, não se aprofunda a ponto de nos suprimir as dúvidas.

Diante disso, surge-nos uma questão: teria a tríade – Jung, Freud e/ou Lacan – lido as narrativas aqui abordadas? A resposta pode ser sim, como também pode ser não. Em todo caso, há que se aplaudir a arguciosa criatividade dos ficcionistas ao criarem personagens tão

complexos e ricamente descritos, antecipando-se cada um ao seu tempo... Outro fato merecedor de nota é que ambas as ciências aqui abordadas, tanto psicanálise quanto literatura, encontram-

se verdadeira e paradoxalmente interligadas, de modo que muitos estudos sobre suas comparações ainda podem (e devem) ser feitos.

REFERÊNCIAS

1. ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O alienista**. 27 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
2. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.
3. FILHO, Domício de Proença. **Estilos de época na literatura (através de textos comentados)**. 15 ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. 408 p.
4. FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. 9 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013. 552 p.
5. FREUD, Sigmund. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos vol.I**. Rio de Janeiro: IMAGO Editora, 2006. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/djalma-argollo/vol-01-publicaes-prpsicanalticas-e-esboos-inditos>>. Acesso em 12 de nov. 2014.
6. GOGOL, Nicolai Vassiliévitch. **O nariz /e/ Diário de um louco**. 1 ed. Porto Alegre: Editora L&PM, 2010. 128 p.
7. JESUINO, Filipe de Meneses. **O delírio segundo Freud e Jung: aportes recíprocos e distinções**. Fortaleza: edições UFC, 2009. 281 p.
8. JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan vol. 1**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. 194 p.
9. JUNG, Carl Gustave. **A natureza da psique**. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. Disponível em: <<http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/Carl-Gustav-Jung-A-natureza-da-psique.pdf>>. Acesso em 12 de nov. 2014.
10. LACAN, Jacques. **O Seminário livro 3: As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 368 p.
11. MARTINEZ, José Roberto Barcos. **Metapsicopatologia da psiquiatria: uma reflexão sobre o dualismo epistemológico da psiquiatria clínica entre a organogênese e a psicogênese dos transtornos mentais**. São Carlos: UFSCar, 2006.
12. NASIO, Juan-David. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolt, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. 304 p.